

## FAR FROM EDEN? ACERCA DE UMA FIGURINHA ANTROPOMÓRFICA DO POVOADO DO NEOLÍTICO ANTIGO DA VALADA DO MATO (ÉVORA, PORTUGAL)

*Pretende-se, neste texto, apresentar uma estatueta antropomórfica proveniente do povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal). Apesar de incompleta, e da ausência de atributos sexuais explícitos, esta peça integra-se no universo das «figurinhas femininas» que acompanham a neolitização das regiões mediterrâneas e que não tinham sido ainda identificadas na Península Ibérica. Pese a ausência de paralelos, que limita a discussão em torno do significado do objecto, procurar-se-á aqui debater o seu papel no quadro das múltiplas recomposições, inclusivamente simbólicas, do pacote neolítico original.*

**Palavras-chave:** *Figurinhas antropomórficas. Neolítico antigo. Complexos simbólicos.*

*This paper aim is to present an anthropomorphic figurine, recovered in Early Neolithic habitat of Valada do Mato (Évora, Portugal). In spite of being headless and genderless this figurine belongs to Early Neolithic Mediterranean figurines group which so far haven't been found in Iberian Peninsula. My purpose is also to discuss this figurine meaning considering the multiples Mediterranean rearrangements of Neolithic package, in particular concerning symbolic issues.*

**Keywords:** *Anthropomorphic figurines. Early Neolithic. Symbolic issues.*

### INTRODUÇÃO

O povoado da Valada do Mato (Évora, Portugal), foi identificado nos inícios da década de 90, num momento em que a investigação acerca do Neolítico antigo, no actual território português, conhecia uma significativa viragem provocada pela identificação, quase simultânea, de um importante conjunto de contextos desta cronologia que desafiavam o «modelo clássico», em grande parte definido por Jean Guilaine e Veiga Ferreira, no artigo de 1970, *Le Neolithique Ancien au Portugal*, e confirmado pelos trabalhos na Área de Sines, levados a cabo por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1981).

O modelo clássico previa um Neolítico cujas etapas iniciais seriam marcadas por um padrão de povoamento que

privilegiava as áreas litorais, as zonas baixas, e sem condições de defesa, os solos arenosos com débil vocação agrícola, assente em habitats temporários com estruturas em materiais perecíveis, num quadro compatível com uma etapa que se assumia, ao nível da aquisição de recursos, dominada pelas estratégias de caça-recolheção e pequena componente pastoril.

Os trabalhos realizados no Buraco da Pala (Sanches 1997), no Penedo da Penha 1, no Buraco da Moura de S. Romão (Valera 1998), em São Pedro de Canaferrim (Simões 1996), permitiram corrigir esta imagem, tornando clara a diversidade de implantações, de territórios, de modelos económicos e de apropriação do espaço que caracterizavam o Neolítico antigo, no Ocidente peninsular.

Os dados provenientes do sítio da Valada do Mato, esca-

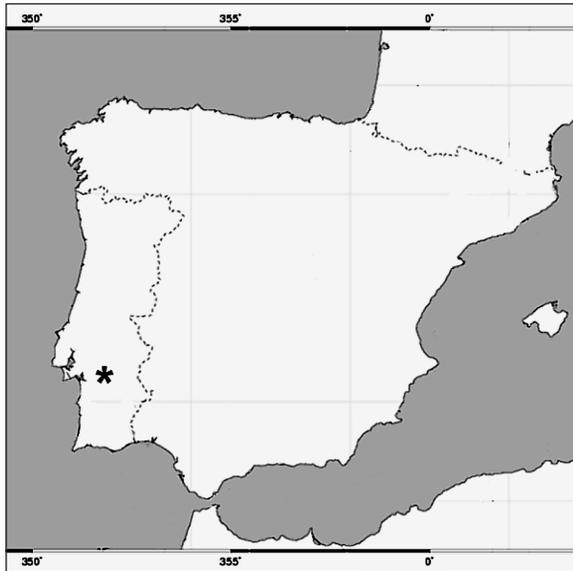


Fig. 1. Localização do povoado da Valada do Mato (Évora), na Península Ibérica.

vado desde 1995, num total de oito campanhas que puseram a descoberto uma área de cerca de 200 m<sup>2</sup>, demonstravam a existência, na transição do 6º para o 5º milénios cal BC, de povoados de ocupação permanente, com uma economia mista, integrados no amplo «movimento de colonização dos granitos», que marca a segunda fase do Neolítico antigo, no actual território português.

Apesar da escassez de indicadores directos de produção de alimentos, dada a acidez dos terrenos que apenas permite a conservação de pequenas esquirolas de osso carbonizado –entre os quais se destaca a presença de *Ovis aries/Capra hircus*, *Capreolus capreolus*, *Sus sp.*, *Oryctolagus cuniculus* e *Vulpes vulpes*– a identificação neste povoado, de estruturas pétreas, positivas e negativas, com diferentes funcionalidades associadas a um solo de ocupação e a um conjunto artefactual dominado por uma indústria de pedra lascada, de sílex, de talhe lamelar e com forte componente geométrica, a cerâmicas decoradas, fundamentalmente impressas e a um conjunto de materiais de pedra polida e afeiçoada onde se

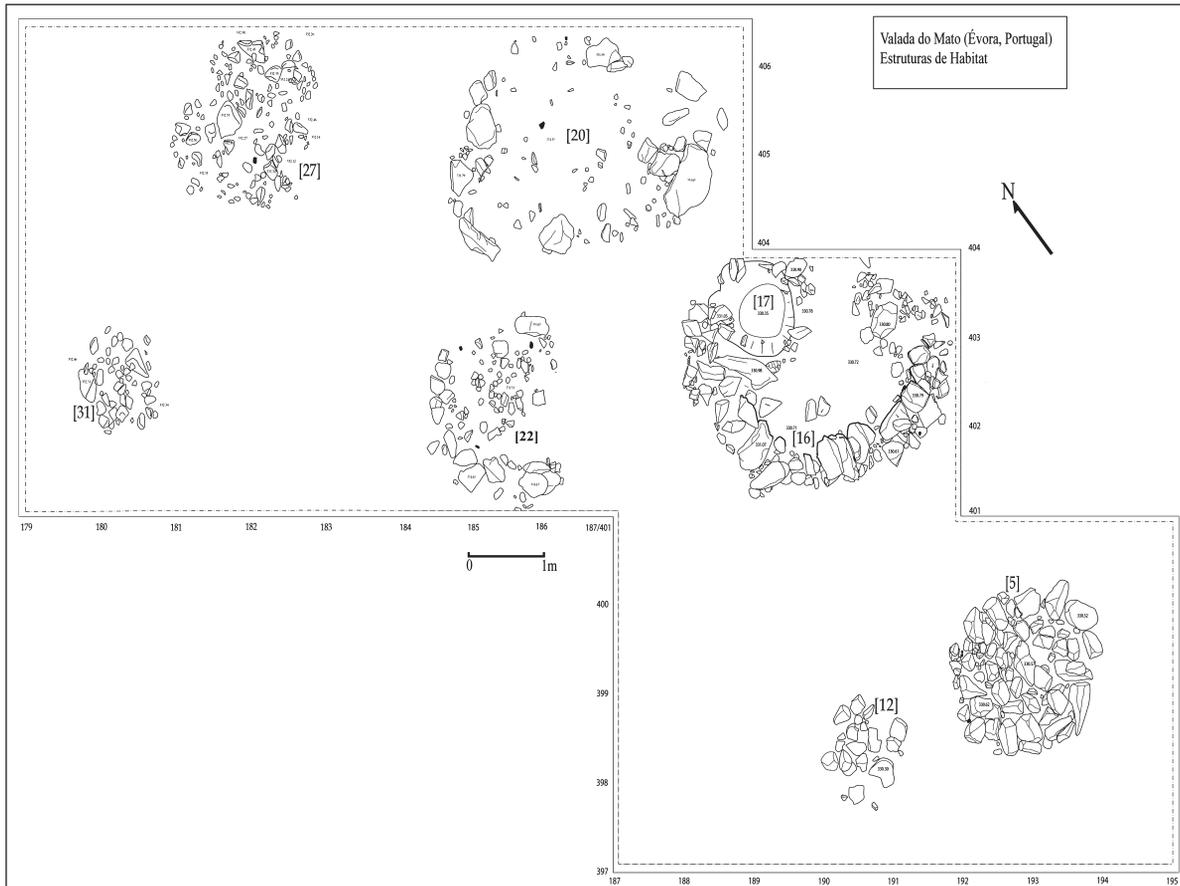


Fig. 2. Estruturas de habitat do povoado da Valada do Mato.

destacam os machados, os moventes e as bigornas (Diniz, Vieira 2007), configura um quadro de continuada ocupação do sítio, palco de múltiplas actividades relacionadas com a produção/trans formação/abandono de múltiplas utensilagens, e com o armazenamento e consumo de produtos alimentares provenientes quer da caça/recoleção quer da agricultura/pastorícia (Diniz 2007).

O conjunto das estruturas de habitat inclui uma fossa aberta no granito de base, de morfologia cónica e com cerca de 60 cm de profundidade, parcialmente revestida por pequenos blocos de granito e quartzito (U.E. 17), um «silo» de paredes quase rectas com cerca de 1 m de profundidade, cuidadosamente escavado no granito, quatro «empedrados», com dimensões que oscilam entre 1 e 2.2 m de medida máxima (U.E. 12, U.E. 22, U.E. 27 e U.E. 31); um «muro de cabana» (U.E. 16), e um «espaço de cabana» (U.E. 20), pontualmente definido por grandes blocos de granito associados a um buraco de poste e uma estrutura circular e positiva com traços de combustão, no seu interior (U.E. 5). A funcionalidade específica desta estrutura circular com traços de combustão, discutida em outros lugares (Diniz 2007: 171-172), não parece enquadrar-se na categoria simples das lareiras, que têm vindo a ser identificadas em contextos contemporâneos do Sul de Portugal.

Apesar da homogeneidade cultural do conjunto, que aponta para uma ocupação do sítio de duração não definida, mas ocorrida num único episódio cultural, confirmada pela única datação absoluta disponível, Beta-153914 – 6030 ± 50 BP, não foi possível detectar áreas funcionalmente especializadas, uma vez que parte substantiva dos elementos da cultura material encontrava-se, no momento da escavação, e em consequência de diferentes fenómenos pós-deposicionais, em posição secundária, tal como acontecia com a figurinha antropomórfica, recolhida na campanha 7(05), que abaixo se apresenta e discute.

## A FIGURINHA ANTROPOMÓRFICA DO POVOADO DO NEOLÍTICO ANTIGO DA VALADA DO MATO: DESCRIÇÃO E CONTEXTO DE PROVENIÊNCIA

### DESCRIÇÃO TÉCNICA E ICONOGRÁFICA

#### *Dimensões:*

Altura: 55 mm  
Largura: 39 mm  
Espessura: 23 mm  
Peso: 50 g  
Estado: Fracturado

#### *Fabrico:*

Matéria-prima: cerâmica  
Pasta: compacta; elementos não plásticos: número razoável; até 1 mm; quartzo, mica, feldspato  
Cozedura: redutora arrefecimento oxidante  
Acabamento da superfície: polida com aguada/engobe + decoração incisa/impressa + pasta branca. Ver Odrizola, neste volume.

#### *Decoração:*

Restringe-se a uma das faces. Junto a uma das extremidades, 3 caneluras paralelas entre si convergem de forma oblíqua para o centro da peça, de onde parte uma fiada de impressões de punção. A partir desta fiada, correm ao longo da peça, e até à extremidade oposta, duas faixas paralelas compostas por duas fiadas de impressões de pequeno punção.

Toda a decoração deve ter sido preenchida com pasta branca que ainda preenche um significativo número de elementos.

Marcas de fogo: pontuais, visíveis apenas numa das extremidades, opostas, de cada uma das faces.

#### *Morfologia:*

Peça maciça, sub-cilíndrica, de secção ovalada  
Na frente da peça, junto a uma das extremidades dois apêndices opostos, de forma oval, reduzidos a áreas de fractura.

Numa perspectiva técnica, deve destacar-se a excelente qualidade de fabrico que esta peça apresenta ao nível da pasta, da cozedura e do acabamento da superfície, bem como a coerência interna e o acabamento da sua decoração que permite, num plano de leitura/descrição interpretativa, que esta possa ser definida como um torso de uma figurinha antropomórfica, sem identificação anatómica de sexo, em postura vertical e estática, fragmentada no topo e na base, portanto, ao nível do pescoço e dos membros inferiores.

Os membros superiores, de que apenas se conservam os arranques, parecem assimétricos, a avaliar pelas áreas de fractura, e poderiam ter introduzido algum movimento na figura.

A ausência de qualquer detalhe anatómico, com a excepção possível dos braços, faz pensar que a decoração que cobre a parte frontal da peça representa, mais que pinturas ou tatuagens corporais, um traje ritual que oculta a morfologia própria do corpo humano. Deste traje fariam parte, logo abaixo da área de fractura que corresponderia ao pescoço, um «colar»,

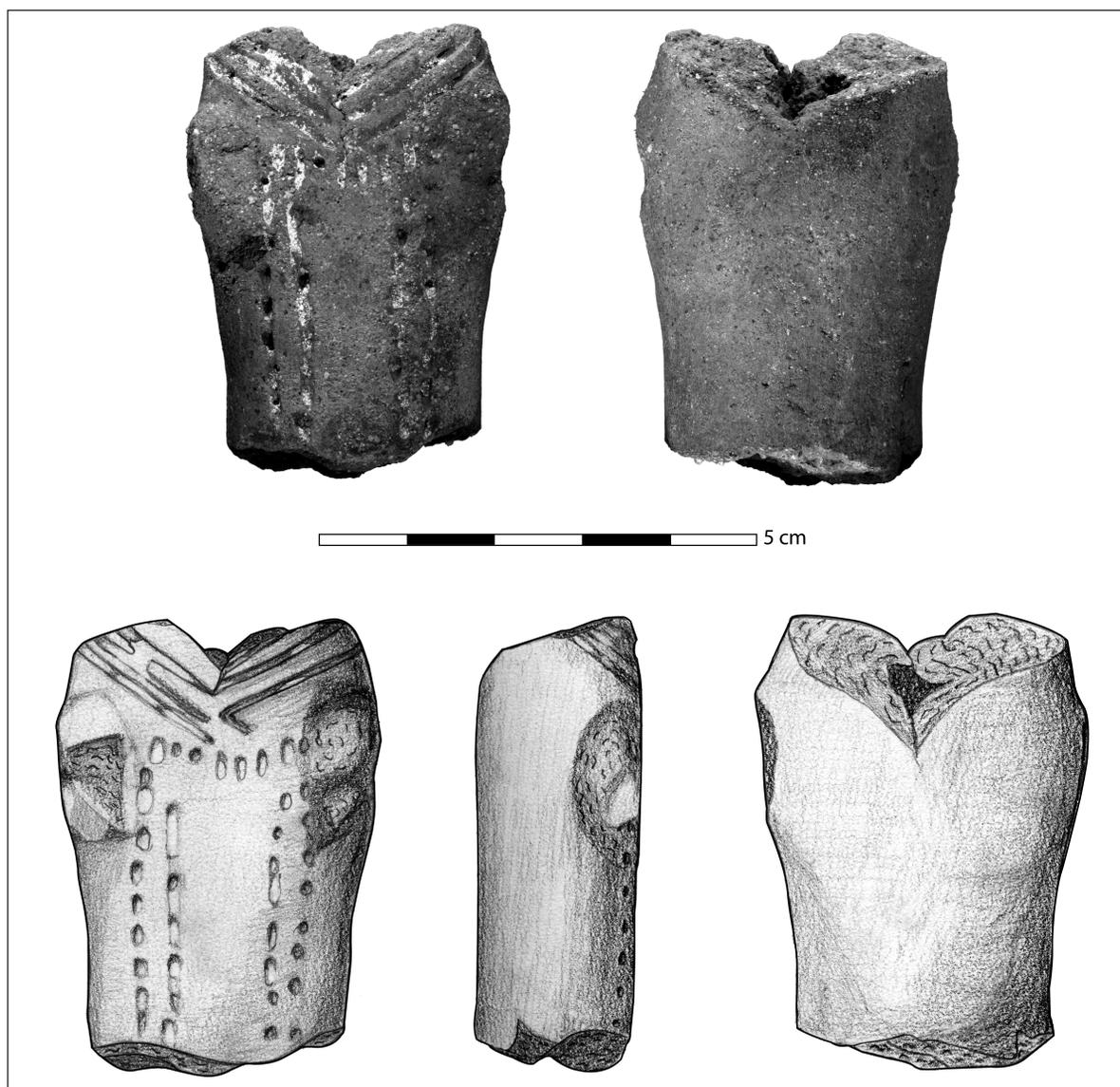


Fig. 3. Figurinha antropomórfica da Valada do Mato. (Foto: V. S. Gonçalves; Desenho - Patrícia Bargão).

desenhado por três incisões oblíquas com pequenos pendentes na zona do peito e duas faixas que correm ao longo do corpo.

O preenchimento do colar e destas faixas com pasta branca, técnica que não se encontra registada em nenhum outro exemplar cerâmico do sítio, tornaria, contra o fundo castanho/avermelhado do engobe que cobria a peça, particularmente visíveis estes elementos.

Ainda que menos evidentes, devem salientar-se outros aspectos relacionados com as fracturas e as marcas de fogo visíveis na figurinha. No caso dos braços, a fragilidade destes apêndices destacados do corpo parece uma evidente jus-

tificação da sua fractura, fragilidade que contrasta com a restante peça, sobretudo com a extremidade inferior, maciça, bem cozida e sem planos óbvios de fraqueza. A fractura na extremidade superior revela um cenário mais complexo, uma vez que a identificação de um vazio, um pequeno oco na área central pode dever-se apenas a um detalhe de fabrico, mas permite colocar a hipótese da existência de uma perfuração para colocação de uma «cabeça móvel», como se verifica em número significativo destas figurinhas.

Este oco pode ainda estar relacionado com técnicas específicas de fracturação, («mutilação», para alguns), do ob-

jecto que podiam envolver um uso controlado da pirotecnologia. As marcas de fogo, menos claras na extremidade inferior/frontal, acompanham com relativa precisão a zona de fractura da extremidade superior/dorsal. Apesar de não conclusivas, estas observações podem estar relacionadas com cenários específicos de utilização da figurinha, hoje difíceis de demonstrar.

#### CONTEXTO DE PROVENIÊNCIA

Valada do Mato: Campanha: 7(05), data: 13/07/05.  
 Quadrado: 180/404. Unidade Estratigráfica: 2/3.  
 Coordenadas: X: 065; Y:100; Z: 332.47.  
 N.º de inventário: 11519.

A figurinha, recolhida na unidade estratigráfica 2/3, provém de um nível constituído após o abandono do sítio, pelo que não se dispõe de nenhuma informação relativa ao seu contexto de uso, no interior do espaço de habitat. Recolhida, tal como outras centenas de fragmentos cerâmicos, numa unidade que cobre o solo de ocupação, a sua posição no momento de escavação não fornece, por isso, qualquer indicação acerca dos espaços/modalidades de utilização específica desta peça.

Esta escassez de dados relativos aos cenários de uso de utilização é comum a grande número destas figurinhas, quer porque provêm de escavações antigas e sem registos detalhados, quer porque a sua posição no momento da escavação não parecia esclarecedora (Nanoglou 2005: 148; Nanoglou 2008: 3-4).

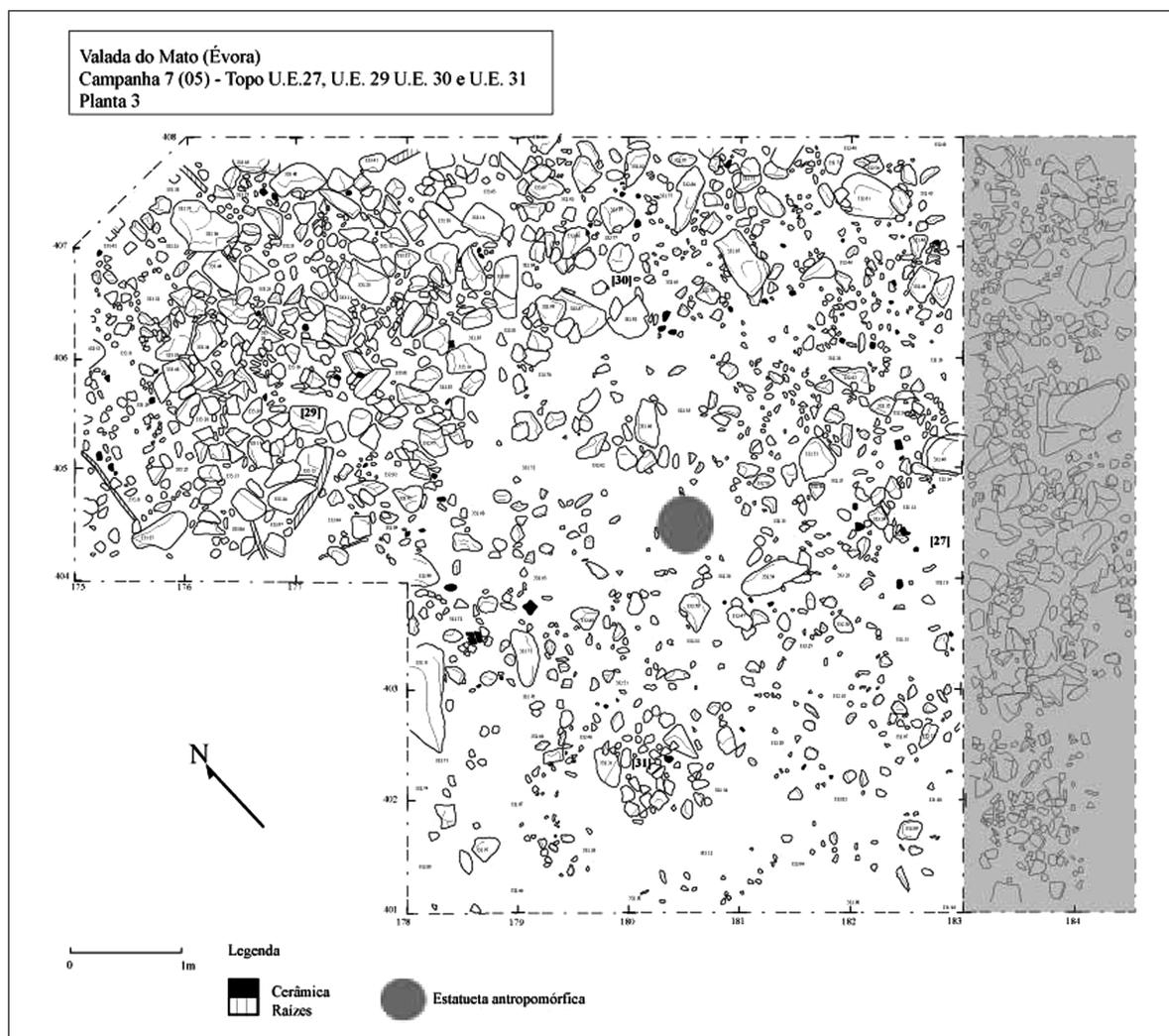


Fig. 4. Local de proveniência da Figurinha.

Apesar da existência, no povoado da Valada do Mato, de estruturas altamente apelativas –como é o caso dos silos, das prováveis cabanas ou mesmo da estrutura pétreo circular– a figurinha não provém de qualquer um destes espaços, não existindo portanto qualquer informação contextual acerca das modalidades e dos cenários (públicos? privados?), de utilização do objecto, o que seguramente constringe a discussão acerca do seu significado.

Recolhida num ambiente pós-deposicional, coloca-se a questão já não tanto em torno dos seus lugares de uso, mas das condições do seu abandono, sendo que neste momento duas hipóteses podem ser colocadas, sem possibilidade de opção definitiva por uma delas:

- a figurinha estaria depositada num *contexto significativo* do qual foi removida por qualquer processo tafonómico;
- a figurinha terá em algum momento da sua existência integrado a categoria de *lixo doméstico*, não tendo sido alvo de qualquer atenção particular após o seu abandono.

O estado da peça –fracturado– tal como o horizonte de recolha –culturalmente não significativo– se podem ser o resultados de circunstâncias fortuitas parecem, no entanto elementos recorrentes no registo arqueológico destes objectos (Bánffy 2005; Bailey 2005: 147), pelo que a discussão do seu significado será adiante retomada.

### A FIGURINHA ANTROPOMÓRFICA DA VALADA DO MATO NO QUADRO DA NEOLITIZAÇÃO DA BACIA DO MEDITERRÂNEO

A figurinha proveniente da Valada do Mato integra-se culturalmente no grupo das figurinhas antropomórficas –muitas vezes designadas como *deusas-mãe*– que acompanham a neolitização do Mediterrâneo Oriental e Central, que se tornam muito escassas no Mediterrâneo Ocidental, e que pareciam ausentes dos cenários da neolitização do *Midi*<sup>1</sup> francês e da Península Ibérica.

O aparecimento de uma figurinha antropomórfica no povoado da Valada do Mato demonstra claramente que, para o extremo Ocidente, viajam não só os mais transversais componentes do pacote neolítico como a cerâmica, a técnica do polimento, os animais e cereais domésticos, cuja utilidade efectiva em contextos distintos e distantes dos da sua origem pode ser imediata, mas também os mais subtis, mas aparentemente não dispensáveis, elementos do quadro simbólico das primeiras sociedades produtoras, em modalidades de dispersão que importa discutir.

A presença da figurinha, no povoado da Valada do Mato, confirma a integração do sítio alentejano no universo cultural mediterrâneo marcado por um imaginário comum, onde as representações antropomórficas ocupam um lugar central e no qual apresentam um gradiente cronológico de sentido Este-Oeste, próprio das arritmias que marcam a difusão, demica e/ou cultural, do pacote neolítico.

A diminuição de presenças para Ocidente parecia conectada com uma tendência geral de diluição de traços do Neolítico oriental. Na região balcânica, a omnipresença destas estatuetas constituía mais um dado que reflectia as inequívocas conexões com o Neolítico Anatólico, e a Península Itálica funcionava como um derradeiro bastião antes do Ocidente, com o golfo da Ligúria a marcar os últimos territórios destas representações, e as últimas áreas de influência balcânica (Biagi 2008).

As figurinhas de Arene Candide ou da Gruta Pollera (Malone 2003), constituíam a mais ocidental das presenças e, já muito longe do Éden, o Mediterrâneo ocidental, parecia um território vazio de figurinhas, tal como pareceu, durante décadas, um vazio de grupos plenamente neolíticos.

Para Ocidente, e à medida que nos afastávamos do foco primário, os dados disponíveis reflectiam uma diluição das características neolíticas e uma simplificação cultural, que se expressava na redução do Neolítico a alguns componentes tecno-económicos do pacote original, ausentes do registo arqueológico elementos como a arquitectura doméstica e o urbanismo, o complexo sistema mágico-religioso que incluía templos, um vasto panteão de figuras simbólicas e sofisticados rituais em torno da morte, ou alguns componentes da cultura material como as cerâmicas pintadas, os selos ou *pintaderas* e, até à peça encontrada na Valada do Mato, as figurinhas antropomórficas.

Pareciam perder-se, no processo longo de neolitização da Europa, em territórios específicos que Jean Guilaine classificou enquanto áreas de recomposição (2003: 107), elementos, sobretudo de natureza simbólica, de um pacote muito diversificado na origem. Ainda que mal percebidas, as causas dessas reformulações, a partir das quais se tornavam claros os testemunhos de uma menor complexidade social, a diluição de traços da cultura de origem parecia dever-se, no quadro de complexos fenómenos de colonização/aculturação que caracterizam o Neolítico no Mediterrâneo ocidental, a crescentes contributos do substrato indígena.

No entanto, a transferência de quadros, ou de elementos específicos, de uma simbólica é mais economicamente justificada através de processos de movimentação demica, mesmo que de pequena escala, e a dispersão das figurinhas têm funcionado, no debate caleidoscópico acerca da neolitização

do espaço europeu, enquanto elemento de conexão ideológica entre os focos primários do Oriente e as áreas ocupadas, a Ocidente, por colonos neolíticos, com ascendência oriental.

Neste sentido, as análises de genética das populações, apesar da controvérsia que as envolve, sobretudo ao nível da cronologia das expansões (Budja 2005; Fernández Domínguez *et al.* 2004; Richards 2003: 142-145), e do pequeno número de linhagens orientais presente nos europeus actuais, constituem um eixo de reflexão que não pode ser ignorado, em torno de três questões que parecem decisivas:

1. a da genérica coincidência entre as áreas de recomposição do pacote neolítico definidas por Jean Guilaine, as áreas onde a presença de genes orientais diminui consideravelmente (Richards 2003; Scozzari *et al.* 2001; King, Underhill 2002), e as áreas onde as figurinhas perdem expressão material e simbólica, o que sugere a existência de uma estreita correlação entre a diluição de genes orientais e a diminuição de figurinhas.

Apesar da pequena discrepância dos valores apresentados, entre as análises realizadas a partir do ADNmt e do cromossoma Y, um resumo da informação disponível permite esboçar um quadro onde o contributo genético do Oriente –expresso através da presença do haplogrupo J no ADNmt e dos haplogrupos EU4, EU9, EU10 e EU11 no cromossoma Y das populações modernas– se faz sentir, de forma clara, na região balcânica e na Península Itálica, com valores que oscilam entre os 10% e os 30%, e de uma forma menos expressiva no Mediterrâneo ocidental e fachada atlântica com valores que não atingem os 10% (Semino *et al.* 2000) (King, Underhill 2002: 708; Richards 2003: 152-153; Scozzari *et al.* 2001: 880).

Estes valores permitem demonstrar numa dupla perspectiva, genética e cultural, as estreitas relações havidas entre o Neolítico balcânico e os focos primários do Oriente, relações que os dados arqueológicos desde sempre tinham afirmado.

Para Ocidente, e acentue-se o papel da Península Itálica –região charneira neste universo que se estende, ainda que de forma descontínua, até ao golfo da Ligúria, onde parecia terminar a expansão das figurinhas, elemento central do imaginário neolítico oriental– os dados da genética concordam com o modelo clássico, que defende uma acentuada diluição cultural do pacote neolítico. Um escasso influxo de genes orientais podia justificar uma neolitização difusa no Mediterrâneo ocidental, território definido, sobretudo, pelo peso genético e cultural do substrato indígena.

Para esta região, o registo arqueológico –com uma agricultura mal demonstrada, uma sistemática utilização de grutas e modelos de povoamento marcados por intensa mobilidade residencial, com escassos ou ausentes registos de

práticas simbólicas, e com um peso significativo das práticas de caça-recolecção– apontava para a existência de um Neolítico atípico, no qual a ausência de figurinhas antropomórficas estaria plenamente justificada pela ausência paralela de muitos outros elementos do ambiente, cultural e genético, do Mediterrâneo oriental e central.

No entanto, esta imagem de populações ‘neolíticas’, essencialmente neolitizadas, não se coaduna com a complexidade crescente que é demonstrada pela informação hoje disponível para algumas áreas ocidentais, onde a implantação das primeiras sociedades agro-pastoris se desenvolve num quadro de maturidade económica e cultural que, não parecendo incluir figurinhas, sugere efectivas recomposições das componentes simbólicas do pacote neolítico, eventualmente condicionadas pelas circunstâncias específicas dos «contextos de chegada» (Valera 2002).

Particularmente expressivo parece o caso da bacia do Serpis, onde a definição da paisagem cardial integra, num mesmo território, habitats com fossos monumentais, grutas com elevado número de objectos simbólicos, grutas funerárias e santuários rupestres (Bernabeu Aubán, Orozco Köhler 2005; Orozco Köhler *et al.* 2008), numa lógica de afirmação territorial eminentemente pública e onde elementos particularmente úteis na esfera do privado –como seriam as figurinhas– não estão documentados.

As figurinhas estariam assim conectadas com estratégias específicas de definição ideológica das comunidades neolíticas, e se numa leitura global dos dados, genéticos e arqueológicos, é visível uma tendência geral que relaciona o peso do contributo exógeno na definição dos neolíticos europeus com a presença/densidade de figurinhas, não existe, no entanto uma correlação linear, e em alguns cenários, admitindo que a sua ausência não traduza apenas questões arqueográficas, as figurinhas parecem dispensáveis, eventualmente substituídas por outros elementos da simbólica, desenvolvidos na esfera dos grupos cardiais do Mediterrâneo ocidental;

2. a segunda questão coloca-se em torno do significado histórico que pode ser atribuído ao escasso contributo genético do Oriente, nas populações do Mediterrâneo ocidental/fachada atlântica. De acordo com o trabalho de Chandler, Sykes e Zilhão (2005), a partir do ADNmt de restos humanos mesolíticos e neolíticos do actual território português, a ausência de haplogrupo J infirma qualquer relação directa destes indivíduos com populações orientais. No entanto, o pequeno contributo genético existe e a previsão de King e Underhill (2002) –face à descoberta de uma figurinha na Valada do Mato– deve ser referida. Numa combinação de informação genética proveniente do cromossoma Y e dados arqueológicos, estes autores detectam, no espaço europeu, uma

sobreposição, por vezes muito nítida, entre alguns artefactos de clara filiação oriental, como são a cerâmica pintada e as figurinhas, e genes de origem oriental. No caso do Sul peninsular, uma frequência de 5% a 10% do haplogrupo EU9 não sendo suficiente para prever a existência de cerâmicas pintadas justificava, no entanto, a presença de figurinhas na região andaluza onde, no entanto não estavam registadas. Neste momento, e apesar da ausência destes tipo de artefactos na Andaluzia, a sua identificação na região de Évora, portanto no Sul da Península, reforça as conexões entre esta área e as populações mediterrâneas, que como têm sublinhado diferentes autores, parece ao longo do Mediterrâneo particularmente evidente nos haplogrupos do cromossoma Y (Semino *et al.* 2000: 1157; Richards 2003: 154), admitindo-se, ao contrário do acontecido na Europa central, um maior contributo, nesta expansão marítima, de indivíduos do sexo masculino.

Ainda que percentualmente pouco significativo, o contributo externo tem consequências culturais que extravasam a sua expressão quantitativa, e o impacto destes pequenos grupos de pioneiros parece particularmente evidente numa macro-escala de análise onde se detecta, e apesar da continuidade populacional, a substituição de um modelo de sucesso dos grupos europeus do pós-glaciar, assente na caça-pesca-recoleção, por um modelo, na origem oriental, assente na produção de alimentos;

3. um outro aspecto deve ainda discutir-se em torno das análises genéticas que demonstram também, ou sobretudo, que a constituição das populações europeias é o resultado de deslocamentos constantes de indivíduos, e portanto de fluxos genéticos continuados, mais do que episódios de difusão circunscritos no tempo.

Se para os partidários da difusão cultural, o baixo peso das linhagens neolíticas orientais face às linhagens paleolíticas indígenas, com cerca de 20% e 80% respectivamente (Semino *et al.* 2000: 1158), confirma a sua visão de uma neolitização, na essência indígena, transmitida por aculturação (eg. Budja 2005), os partidários da difusão démica admitem movimentos populacionais na origem do processo e, ainda que nem sempre explicitamente, um posterior desenvolvimento local deste sistema cultural, não estando, por regra, previstas outras «chegadas».

Nesta leitura da História, a neolitização de distintas áreas europeias, nomeadamente do Ocidente peninsular, tendo uma origem externa transformar-se-ia, num segundo momento, exclusivamente num «internal affair», caracterizado por mecanismos de regionalização progressiva, atestados no registo arqueológico.

No entanto, este não tem que ser o cenário histórico, e as rotas percorridas numa fase prévia não se encerram e nada

impede a continuada movimentação de pequenos grupos ou indivíduos, que parece confirmada quer pelos dados genéticos (Semino *et al.*, 2004), quer pelos dados arqueológicos que sugerem «(...) multiperiod process of numerous small-scale, more regional populations movements (...)» (Budja 2005: 66).

Em resumo, e apesar do reduzido peso do impacto genético, a presença, detectada no cromossoma Y, de componentes do haplogrupo J-J-M172 (Semino *et al.* 2004, fig. 2), no Sul peninsular, demonstra a entrada efectiva de indivíduos estranhos ao território, portadores de elementos exógenos que ultrapassam as esferas da tecnologia e economia. A difusão de elementos da simbólica parece constituir, ao longo da História, um dos mais claros indicadores da movimentação, independentemente da dimensão, de grupos humanos. A figurinha surgida na Valada do Mato não é seguramente o resultado de um fenómeno simples de convergência pontual, e mais dificilmente seria explicada no quadro de processos de difusão cultural. A figurinha constitui, portanto mais um elemento no prato dos contributos exógenos de origem mediterrânea que incluem os artefactos, menos óbvios, de natureza ideotécnica.

A continuada, ainda que discreta, movimentação de indivíduos pode assim justificar o aparecimento de um novo elemento do pacote neolítico, que não parece integrar o património simbólico dos primeiros grupos agro-pastoris do Ocidente peninsular, e se a presença da figurinha na Valada do Mato se pode explicar no quadro complexo desenhado pelas múltiplas modalidades que a difusão démica assume, a discussão conduz-se para o(s) significado(s) do objecto e para o seu contexto de utilização.

#### A FIGURINHA ANTROPOMÓRFICA DA VALADA DO MATO: SIGNOS E SIGNIFICADOS

« (...) *che altro si può dire sul significato intrinseco di queste statuine? sono molto rare per ritenerle di uso comune (...) ma troppe e molto diffuse per considerarle prive di un significato condiviso da diverse comunità sparse nell'Europa sud orientale e nel Vicino Oriente (...).*» (Tiné 1999: 324).

Podem definir-se em torno desta figurinha diferentes, mas indissociáveis, planos de leitura da peça, orientados quer para a discussão dos significados intrínsecos, eminentemente simbólicos, quer para o debate em torno dos significados extrínsecos, conectados com o contexto social de produção/uso/abandono do objecto (Lesure 2000: 3).

A dificuldade acrescida na interpretação do objecto, assim como de outros elementos das sociedades sem escrita que se remetem para os planos do mágico-religioso, decorre

das equívocas relações que, na esfera do simbólico, se desenvolvem entre significados e significantes, entre imagem e ideia, construindo uma teia de sentidos impossíveis (?) de reconstituir por aqueles que não pertencem ao contexto semântico do signo. Acrescente-se ainda que no quadro de um sistema ideológico específico, um mesmo símbolo pode agir em múltiplas cenografias, públicas ou privadas, destinadas a expor/ocultar, aproximar/distanciar o objecto dos sujeitos, em rituais, por norma não preserváveis no registo arqueológico, realizados, no caso das figurinhas antropomórficas, no universo doméstico, mas não necessária ou exclusivamente profano dos espaços de habitat.

Discutir o significado do artefacto no seu contexto de uso significa reconhecer, numa abordagem imediata, a presença de um símbolo exógeno, que é o resultado de um fenómeno complexo de materialização local de um princípio ideológico transregional, consequência de sucessivas transferências simbólicas responsáveis pela construção de um imaginário comum a uma vasta área geográfica.

A figurinha da Valada do Mato integra-se, num universo aparentemente dominado por figuras femininas, no grupo das representações antropomorfas sem indicação explícita de género. Se numa leitura clássica, por regra, todas as representações não-masculinas tendiam a ser classificadas enquanto femininas, alguns autores sugerem, e dada a frequência das figuras assexuadas (Talalay 2000), que é possível conceber um «panteão neolítico» constituído por figuras femininas, figuras masculinas e figuras neutras (Russel 1998: 266).

Se esta pode ser uma possibilidade efectiva, refira-se que não se conhecem, no entanto nas primeiras fases da neolitização do Mediterrâneo Central e Ocidental, representações masculinas, e que as figuras neutras são muito escassas relativamente às femininas que dominam, em absoluto, este complexo simbólico.

A neutralidade, ainda que possa ser só aparente, da figurinha da Valada do Mato decorre do facto de que esta se integra no grupo das figurinhas vestidas, grupo menor num universo dominado por representações de corpos nus. E ao contrário das pinturas/tatuagens corporais que acompanham, em muitas destas figurinhas, uma anatomia que não escondem, o «traje ritual» da figurinha da Valada do Mato, oculta a morfologia da personagem representada que surge assim, aos nossos olhos, enquanto ser assexuado.

Se as figurinhas sem género identificável, como a recuperada na Valada do Mato, não obrigam a admitir a possibilidade da existência de seres sexualmente neutros, o sexo, para nós, oculto pode significar que a sua dissimulação é necessária no quadro do ritual de uso, ou apenas que a ausência de género, no Presente, traduz um simples erro de

comunicação para os que não descodificam os traços de identificação da personagem.

Sublinhe-se, no entanto, que o sexo da figura não é expresso na iconografia da sua representação, e mesmo que identificável de imediato no seu contexto de uso, este não parece ser um atributo decisivo da personagem, não tendo sido, por isso objecto de tratamento particular.

Este silêncio visual em torno dos atributos físicos de género parece sugerir que a *humanidade* da figura é mais significativa que o sexo da personagem e que o protagonismo simbólico se faz representar sob uma forma antropomórfica, num sistema cultural onde, e como defendem outros autores (Bradley 2001; Nanaglou 2008), as relações entre os indivíduos –de poder? de cooperação?– constituem o campo decisivo de reprodução social.

A natureza das personagens representadas é outra das questões debatidas em torno destas figurinhas, e para a qual não parece possível encontrar uma resposta cabal, uma vez que a leitura iconográfica não permite definir o estatuto, mítico ou real, das personagens invocadas.

No entanto, a decoração sugere que qualquer que seja a personagem representada –humana ou divina, feminina, masculina ou neutra– e qualquer que seja a sua função específica (Lesure 2000; Nanaglou 2008), esta possui atributos que a tornariam de imediata identificação e reconhecimento.

A escassa informação acerca das modalidades de uso da figurinha da Valada do Mato torna complexa a discussão do significado deste objecto, o único elemento da simbólica oriental que parece ter sobrevivido às sucessivas recomposições/diluições do imaginário neolítico.

Se estas recomposições –que excluam de um pacote neolítico original elementos como os templos e a vasta parafernália de figuras simbólicas a eles associadas, um complexo culto em torno da morte e dos antepassados– podem ser explicadas no quadro de uma neolitização da Europa que materializa uma fuga ao «centralismo simbólico» que se impõe no Oriente (Ozdogan in Zilhão 2000), torna-se, no entanto necessário justificar a presença de figurinhas em cenários espacial e cronologicamente distantes do da sua origem, e identificar portanto quais os mecanismos sociais que justificam a sua continuidade.

Pode assumir-se que estas figurinhas, quase sempre femininas, materializavam uma ideia original e indispensável, ou pelo menos considerada mais necessária, ao imaginário dos primeiros agricultores que os princípios representados sob a forma de abutres, touros, panteras e outras feras que povoam o *bestiário* oriental.

Assim, e de uma forma hoje condenável por ingénua e pouco atenta às circunstâncias específicas de renegociação

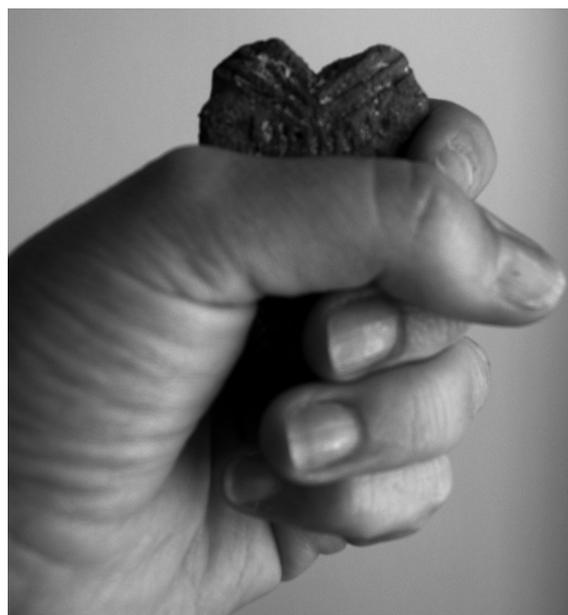


Fig. 5A e 5B. A Figurinha enquanto miniatura. (Fotos: M. Diniz).

de significantes (Lesure 2000; Bailey 2005; Nanaglou 2008), dir-se-ia que, a caminho do Ocidente, a *deusa-mãe*, para recordar as palavras de Marija Gimbutas (2007), perde o seu panteão, numa caminhada epifânica que a revela enquanto o elemento central e mais poderoso de um discurso simbólico, que se desenvolve em torno da figura humana, particularmente em torno de corpos femininos.

A natureza transregional das figurinhas antropomórficas, cuja solidão está igualmente atestada em outros contextos do Mediterrâneo central e ocidental (Biagi 2008), demonstra que estas representam um princípio nuclear, aparentemente o único capaz de sobreviver às mutilações, inovações e mutações que re-constroem o sistema ideológico neolítico.

E se é possível detectar, nestas figurinhas, um grau importante de variação morfológica, quer ao nível dos espaços amplos da neolitização da bacia do Mediterrâneo, quer no campo intra-regional, alguns atributos permanecem constantes, o que lhes confere, certamente, um lugar decisivo na concretização deste princípio simbólico e nas suas modalidades de uso/abandono.

De entre os atributos comuns, a miniaturização parece um elemento recorrente (Bailey 2005: 24-25; Nanaglou 2008: 10), e a peça da Valada do Mato, tal como sucede com a quase totalidade das figurinhas, cabe numa mão fechada. Esta característica partilhada pode estar relacionado com o significado intrínseco do objecto, adiante discutido, e/ou

com os cenários de uso, que podem implicar manipulação/preensão/transporte da figurinha em rituais específicos.

Desconhecemos, no entanto a tipologia de estas acções, e a generalizada ausência de informação relativa aos contextos de utilização do objecto –ainda mais clara no Mediterrâneo ocidental, onde não são conhecidos espaços de santuário ou áreas simbólicas formais, no interior dos habitats do Neolítico antigo– não permite recriar as encenações em que estiveram envolvidas. A excepção parece provir da figurinha de La Marmotta,<sup>2</sup> particularmente significativa porque se trata de um estatueta paleolítica reutilizada, recuperada num «depósito de fundação» do povoado (Fugazzola Delpino 2002).

A ausência de contexto de uso não permite esclarecer o significado da miniaturização destes objectos, cujos campos de actuação podem ter sido públicos, privados ou complexas combinatórias de ambos. E se a pequena dimensão destas figurinhas tridimensionais sugere uma abordagem intimista, ou pelo menos próxima entre o símbolo e o(s) seu(s) utilizador(es), deve referir-se que no quadro das práticas mágico-religiosas a visão/toque da representação não é muitas vezes necessária, porque a presença do objecto é o garante suficiente do desenrolar eficaz do ritual.

O debate em torno da miniaturização não se esgota, no entanto na esfera restrita das modalidades de uso das figurinhas, mas subjaz também à discussão em torno do significado intrínseco destas peças.

A redução de corpos humanos, com particular destaque para a miniaturização dos corpos femininos, que se tornam nestas representações objectos fáceis de manipular, e portanto fáceis de controlar, pode fazer parte de um mecanismo de controle social que se estende aos meios de reprodução biológica, aparentemente decisivos num momento de implantação das sociedades produtoras. Apesar de contestada, a Neolithic Demographic Transition (Bocquet-Appel 2002), enquanto fenómeno mais ou menos generalizado, conferiu ao corpo feminino um decisivo protagonismo enquanto modo de (re)produção a que estas representações podiam aludir, ou que estas representações miniaturizadas de mulheres permitiam controlar.

No entanto, a excessiva e simplista colagem de representações femininas a divindades e/ou princípios simbólicos relacionados com a fertilidade tem sido contestada por diferentes autores, ... sobretudo autoras (Russel 1998; Masvidal 2006), e evidentes paralelos históricos aconselhariam uma enorme prudência neste capítulo.<sup>3</sup> Por outro lado, a presença, ainda que escassa, de figurinhas neutras como a da Valada do Mato parece apontar para outros campos de significado em torno destes objectos que não apenas o da multiplicação do grupo.

Para além da miniaturização, outros elementos comuns relacionados com o abandono destas figurinhas devem ser destacados.

Como em outras figurinhas, o ritual de utilização da figurinha da Valada do Mato parece ter integrado práticas de fractura/mutilação do objecto, que surge reduzido a um torso desprovido de extremidades. Paralelos arqueológicos e etnográficos justificam esta leitura (Bailey 2005: 20; Bánffy 2005; Budja 2005: 61), e os factores pós-deposicionais parecem agentes menores face à acção humana de condenação intencional, num acto ao qual o uso do fogo estaria associado.

As circunstâncias que envolvem o seu abandono não são, como foi atrás mencionado, explícitas. A figurinha da Valada do Mato foi recolhida, como aliás parte substantiva das outras figurinhas do Neolítico antigo, entre o lixo doméstico disperso pelo sítio, após o seu abandono. Esta ausência de contexto de uso, torna-se significativa uma vez que constitui um elemento comum à maior parte destes objectos, que parecem, por isso, ter sido sujeitos a um acto de condenação que os esvazia dos seus significados, e que os coloca no mesmo plano de milhares de outros fragmentos cerâmicos provenientes dos habitats.

Se relativamente às modalidades de utilização, a informação parece muito escassa para ensaiar reconstruções de uso, a análise do contexto cultural de proveniência do objecto pode permitir algumas aproximações ao(s) significado(s) intrínseco(s) destas peças.

O aparecimento de uma figurinha antropomórfica no povoado da Valada do Mato não é seguramente fortuito, e se a sua solidão pode ser meramente circunstancial, e sobretudo associada a questões arqueográficas, as características do sítio podem permitir uma aproximação ao cenário social do contexto de produção/utilização do símbolo.

A figurinha surge num povoado aparentemente não muito extenso, ou pelo menos conservado numa área restrita, mas com claros indicadores de uma intensa e continuada ocupação do espaço, que se expressa quer na contiguidade das estruturas domésticas quer no volume/diversidade tipológica do material recuperado.

O povoado da Valada do Mato surge assim enquanto um micro-cosmos densamente povoado, sustentado por uma economia mista, onde as estratégias de produção/armazenamento estão claramente documentadas. De entre os registos contemporâneos disponíveis para o Ocidente peninsular, o da Valada do Mato constitui o mais próximo simulacro de uma vida aldeã, marcada por uma lógica de estabilidade e investimento residencial, evidentes no barroquismo visual que se estende das decorações cerâmicas aos objectos de adorno, da diversidade de matérias-primas empregues à produção de diferentes tipologias de artefactos e de estruturas pétreas, positivas e negativas.

É portanto neste ambiente de evidente complexidade cultural que surge a figurinha antropomórfica, figurinha sem género, mas ritualmente trajada, sugerindo cenários de uso, onde o símbolo actua em performances destinadas a criar/consolidar redes de significado social e ideológico, ao mesmo tempo que dissolve as tensões inerentes a uma existência forçosamente comunitária que a vida aldeã impõe.

Numa macro-escala de análise, e assumindo uma postura funcionalista/materialista, pode admitir-se que as figurinhas antropomorfas, maioritariamente femininas, constituiriam a super-estrutura ideológica das primeiras comunidades agrícolas, acompanhavam a sua dispersão e não surgiriam, portanto, antes destas.

Nos trajectos de dispersão do Neolítico, e se ao contrário do acontecido, segundo Cauvin (1999), no foco primário do Oriente, as novas práticas simbólicas não antecipam as práticas produtivas, conserva-se no entanto um estreito vínculo entre transformações de ordem económica e mutações mentais.

Nesta leitura, e ainda que fluído na cronologia, o significado das figurinhas permaneceria indissociável de um contexto económico específico que o exige, numa conexão quase mecânica entre a infra-estrutura produtiva e o quadro simbólico que esta gera e que por esta é sustentado.

A ausência de figurinhas no Mediterrâneo ocidental parecia assim compatível com o modelo clássico da neolitização que previa para esta região um impacto escasso, ou mesmo nulo, da actividade agrícola nas primeiras fases do processo. A ausência de agricultores justificaria a inexistência de *deusas agrícolas*...

Para o actual território português, a falta de maturidade dos cenários culturais dos mais antigos contextos neolítico justificava a inexistência de figurinhas e podia admitir-se que a ideia por detrás destas representações encontrar-se-ia, entre alguns grupos neolíticos, num estado vegetativo prestes a eclodir num momento em que os modos, e as relações de produção, a exigissem... enquanto princípio inscrito num imaginário colectivo que irrompe quando as circunstâncias o impõem.

Apesar da aparência dialecticamente materialista que subjaz a esta possibilidade, ela corresponde ao reconhecimento, num quadro mais ambicioso de pós-modernidade, que a produção/utilização de figurinhas decorre de cenários pré-existentes que são ao mesmo tempo construídos/consolidados através da sua manipulação (Nanaglou 2008: 3). Estes objectos são assim, e em simultâneo produto de contextos específicos e agentes ideológicos da organização social das comunidades neolíticas.

No entanto, este quadro de uma linearidade quase absoluta não resiste ao confronto com o registo arqueológico disponível para outras áreas do espaço peninsular, onde a presença de comunidades plenamente agrícolas atestada a partir de meados do 6º milénio cal BC, não é, em função dos dados disponíveis, acompanhada pela presença de figurinhas, o que sugere a existência de fenómenos de recomposição dos elementos ideológicos do pacote neolítico, eventualmente condicionados pelas circunstâncias específicas dos lugares de chegada, que parecem ter exigido, como se verifica na bacia do Serpis, outros mecanismos de expressão simbólica, sobretudo assentes num projecto público de definição das paisagens culturais.

Assumir recomposições dos elementos ideológicos do pacote neolítico, que justificam ausências específicas em contextos onde alguns elementos desse imaginário podiam estar presentes, não explica, no entanto o aparecimento súbito (?) de uma figurinha antropomórfica de clara origem mediterrânea, num contexto neolítico de 2ª geração como é o da Valada do Mato.

A inexistência de figurinhas nos contextos que remontam aos primeiros momentos da neolitização do Ocidente peninsular parece indicar que também o segmento ideológico do pacote neolítico é objecto não apenas de recomposições, mas também de prováveis arritmias e desfasamentos na dispersão dos seus componentes, em mecanismos distintos dos previs-

tos pelos modelos clássicos de difusão démica que admitem que, após a entrada de elementos externos, o processo de neolitização consiste sobretudo num «internal affair».

No entanto, e apesar dos fenómenos de regionalização que parecem marcar o trajecto das primeiras sociedades produtoras, nada justifica que as «rotas de circulação» anteriormente utilizadas se encerrem bruscamente e que episódios de  *fusão diferencial*, como o que se admite estar na origem de sítios como o da Valada do Mato, não possam ter ocorrido em diferentes momentos da diacronia neolítica, justificando a incorporação de outros contributos mediterrâneos, distintos daqueles que estão presentes nos grupos neolíticos de primeira geração,<sup>4</sup> que em meados do 6º milénio cal BC, ocuparam nas franjas litorais do Centro e Sul do actual território português, substratos arenosos e calcários.

Como indicam os estudos de genética das populações atrás referidos, a continuada, ainda que discreta, movimentação de indivíduos pode estar na origem das arritmias detectadas no registo arqueológico, e da entrada em cena de novos elementos do pacote neolítico.

Na transição do 6º para o 5º milénio cal BC, o(s) princípio(s) simbólico(s) a que as figurinhas aludem estão plenamente activos no vasto espaço de neolitização que é a bacia do Mediterrâneo. Datam de esta etapa, as figurinhas de Passo di Corvo (Tiné 1999), e as peças de Arene Candide (Malone 2003), que até ao momento constituíam os mais ocidentais testemunhos da utilidade transregional deste quadro ideológico.

## POR FIM...

É talvez prematuro, atendendo sobretudo ao isolamento, certamente provisório, desta figurinha no espaço peninsular, optar por uma única linha de leitura de um objecto que é, na sua essência, polissémico e, no seu trajecto, multilinear.

Ao isolamento geográfico da figurinha da Valada do Mato, acrescente-se a aparente solidão ideológica de esta representação que parece bastar-se a si própria, parte central de um projecto simbólico centrado em representações de figuras antropomórficas, mas não necessária ou exclusivamente humanas.

No limite poder-se-á admitir que as figurinhas antropomórficas, enquanto objectos próprios de contextos domésticos, acompanham a economia produtora e as tensões e conflitos próprios da sociabilidade agrária, que assenta em sociedades de permanência.

E se as figurinhas parecem traduzir, nos contextos do pós-glaciar, a presença de agricultores, a existência destes últimos não exige a presença de figurinhas e outros mecanis-

mos simbólicos podem ter sido encontrados para cimentar relações/diluir tensões/justificar papéis entre as primeiras comunidades agrícolas, em função de coordenadas geo-simbólicas hoje difíceis de recuperar.

Num Neolítico antigo, aparentemente quase desprovido de elementos simbólicos como é o caso do Neolítico do actual território português, surgem na Valada do Mato, ainda que incompletas, dois elementos que remetem para o universo mágico-religioso do mundo mediterrâneo, como são a representação sobre recipiente cerâmico de parte de uma «figura orante», e a figurinha antropomórfica.

A recuperação deste material naquele que é um dos povoados do Neolítico antigo escavados em maior extensão no Ocidente peninsular, sugere que por detrás desta escassez existirá um problema arqueográfico, decorrente do escasso conhecimento que possuímos acerca dos sítios desta etapa e que esta imagem poderá de futuro sofrer importantes alterações.

Estes elementos confirmam, no entanto, a dimensão do contributo mediterrâneo que na constituição das paisagens neolíticas não se esgota em componentes económico/tecnológicos, mas que inclui também, a par de contributos genéticos, elementos da simbólica.

O aparecimento desta figurinha numa fase que pode ser considerada tardia, relativamente a outros contextos do Neolítico antigo no actual território português, reflecte processos claros de transferência iconográfica, que num contexto global marcado por arritmias e recomposições como é o da neolitização da bacia do Mediterrâneo, não são, necessariamente, sintoma de transferência de significados. No entanto, as semelhanças verificadas nos contextos de uso, os atributos comuns que estes objectos exibem permitem considerar estas como representações centrais de um imaginário circum-mediterrâneo, partilhado por grupos distantes, no tempo e no espaço.

A história deste complexo mágico-religioso é, neste momento, e para o Ocidente peninsular, impossível de reconstituir. Se a figurinha da Valada do Mato não possui, na Península Ibérica, antepassados conhecidos também não existem dados acerca de uma possível descendência directa e as estatuetas de Gavá (Bosch, Estrada 1994), ou da Comporta (Ribeiro, Sangmeister 1967; Soares, Cabral 1993), datadas da segunda metade do 4º milénio cal BC, parecem muito longínquas para assumir esse estatuto.

Parece deduzir-se do registo disponível, para o actual território português, que os cenários sociais e simbólicos que se constróem ao longo do Neolítico antigo são cenários sem continuidade, os sítios ocupados durante esta etapa são, como acontece na Valada do Mato, abandonados, e desconhecem, hoje, as modalidades de passagem e as redes de

povoamento do, muito mal percebido, Neolítico médio, o que parece indiciar que este é um momento que corresponde ao fim de um ciclo e ao «(...) desmantelamento de las redes sociales de poder» (Orozco Köhler *et al.* 2008: 180).

MARIANA DINIZ

Centro de Arqueologia, Faculdade Letras de Lisboa  
m.diniz@fl.ul.pt

## NOTAS

1. As figurinhas do Chasséense francês pertencem ao Neolítico médio e estão datadas genericamente entre 4500 e 3500 cal aC, sendo portanto mais tardias que a figurinha da Valada do Mato e por isso não utilizadas nesta discussão.
2. Apesar de nunca referida por M. A. Fugazzola Delpino, esta interpretação é também avançada por C. Delpino e V. Tinè 2005, ainda que a título de hipótese... A observação da peça não parece, no entanto, permitir dúvidas quanto à sua integração crono-cultural original.
3. Cite-se a título de exemplo, a importância entre os católicos da Virgem Maria, figura feminina que no entanto não possui qualquer relação específica com a fertilidade.
4. Refira-se, mais uma vez, que esta pode ser uma questão, em parte, arqueográfica, dadas as diminutas dimensões das áreas escavadas em contextos contemporâneos, no actual território português.

## BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, D. (2005): *Prehistoric Figurines. Representation and Corporeality in the Neolithic*. Londres: Routledge.
- BÁNFFY, E. (2005): Gestures from Artefacts within Domestic Rituals in the Neolithic: Different Attitudes to Certain Types of Cult Objects. In Bouissac, P. (ed.). *The Archaeology of Gestures: Reconstructing Prehistoric Technical and Symbolic Behaviour. A round-table*. 11<sup>th</sup> Annual Meeting of European Association of Archaeologists. <http://www.semioticon.com/virtual/archaeology/index.html>
- BERNABEU AUBÁN, J., OROZCO KOHLER, T. (2005): Mas d'Is (Penàguila, Alicante): un recinto monumental del VI milenio cal BC». In *III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. 2003, Santander: Universidad de Cantabria, pp. 485-495.
- BIAGI, P. (2008): Updating Old Concepts on the Relationships between the Balkans and Northern Italy during the Neolithic. Fevereiro, 2008. [my.opera.com/ancientmacedonia/blog](http://my.opera.com/ancientmacedonia/blog)
- BOCQUET-APPEL, J.P. (2002): Paleoanthropological traces of a Neolithic Demographic Transition. *Current Anthropology*. 43, pp. 637-650.
- BOSCH, J., ESTRADA, A. (1994): La venus de Gavà (Barcelona). Una aportación fundamental para el estudio de la religión neolítica del suroeste europeo. *Trabajos de Prehistoria*. 51:2, pp. 149-158.
- BRADLEY, R. (2001): Humans, Animals and the Domestication of Visual images. *Cambridge Archaeological Journal*. 11:2, pp. 261-263.

- BUDJA, M. (2005): The Process of Neolithisation in South-eastern Europe: from ceramic female figurines and cereal grains to entoptics and human nuclear DNA polymorphic markers. *Documenta Praehistorica*. 32, pp. 53-72.
- CAUVIN, J. (1999): *Nascimento das divindades. Nascimento da Agricultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHANDLER, H., SYKES, B., ZILHÃO, J. (2005): Using Ancient DNA to examine genetic continuity at the Mesolithic-Neolithic transition in Portugal. In ARIAS, P., ONTAÑÓN, R., GARCÍA-MONCÓ, C. (eds.) *Actas del III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. Santander: Monografías del Instituto Internacional de Investigaciones Prehistoricas de Cantabria, 1, pp. 781-786.
- DELPINO, C.; TINÉ, V. (2005): Marmotta's Venus. In European Virtual Museum. <http://www.europeanvirtualmuseum.it/museum/dettagli.asp?reperto=118>
- DINIZ, M. (2007): *O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da Neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 48). <http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/48/TA48046.pdf>
- DINIZ, M., VIEIRA, T. (2007): Instrumentos de Pedra Polida e Afeiçãoada do Povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora): estratégias de produção e modelos de uso. *Vipasca*. 2: 2, pp. 81-94.
- FERNÁNDEZ DOMÍNGUEZ, E., CORTÉS SÁNCHEZ, M., PÉREZ-PÉREZ MARTÍNEZ, A., TURBÓN BORREGA, D. (2004): Primeras Secuencias de DNA de Muestras Préhistóricas Andaluzas. In *Simposios de Prehistoria - Cueva de Nerja*. Málaga: Fundación Cueva de Nerja, pp. 208-215.
- FUGAZZOLA DELPINO, M.A. (2002): La Marmotta, Lazio. In FUGAZZOLA DELPINO, M.A., PESSINA, A., TINÉ, V. (eds.): *Le Ceramiche Impresse nel Neolitico Antico: Italia e Mediterraneo*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, pp. 373-395.
- GIMBUTAS, M. (2007): *The Goddesses and Gods of Old Europe*. Londres: Thames and Hudson.
- GUILAINE, J. (2003): *De la vague à la tombe: la conquête néolithique de la méditerranée*. Paris: Seuil.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O. da V. (1970): Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67:1, pp. 304-322.
- KING, R., UNDERHILL, P. (2002): Congruent distribution of Neolithic painted pottery and ceramic figurines with Y-chromosome lineages. *Antiquity*, 76, pp. 707-714.
- LESURE, R. (2000): A Comparative Perspective on Figurines from Early Villages. In *Sixth Gender and Archaeology Conference*. Northern Arizona University, Oct.2000 [www2.nau.edu/~gender-p/Papers/Lesure.pdf](http://www2.nau.edu/~gender-p/Papers/Lesure.pdf)
- MALONE, C. (2003): The Italian Neolithic: A Synthesis of Research. *Journal of World Prehistory*. 17:3, pp. 235-312.
- MASVIDAL, C. (2006): La Imagen de las Mujeres en la Prehistoria a través de las Figuritas Femeninas Paleolíticas y Neolíticas. In *Las Mujeres en la Prehistoria*. Valencia: Museu de Prehistòria de València, pp. 37-50.
- NANOGLU, S. (2005): Subjectivity and Material Cultura in Thessaly, Greece: the case of Neolithic Anthropomorphic Imagery. *Cambridge Archaeological Journal*. 15:2, pp. 141-156.
- NANOGLU, S. (2008): Representation of Human and Animals in Greece and the Balkans during Earlier Neolithic. *Cambridge Archaeological Journal*. 18:1, pp. 1-13.
- OROZCO KHOLER, T., BERNABEU AUBAN, J., MOLINA BALLAGUER, L., DÍEZ-CASTILLO, A. (2008): Los recintos Neolíticos como expresión de poder en el Mediterráneo Peninsular. *(Era) Arqueología*. 8, pp. 172-181.
- RIBEIRO, L., SANGMEISTER, E. (1967): Der Neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. 8, pp. 31-45.
- RICHARDS, M. (2003): The Neolithic Invasion of Europe. *Annu Rev Anthropol*. 32:135-162.
- RUSSEL, P. (1998): The Paleolithic Mother-Godess: Fact or Fiction? In Hays-Gilpin, K. e Whitley, D. (eds.) *Reader in Gender Archaeology*. Londres: Routledge, pp. 261-268.
- SANCHES, M.ªJ. (1997): *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2 vols.
- SCOZZARI, R., CRUCIANI, F., PANGRAZIO, A., SANTOLAMAZZA, P., VONA, G., MORAL, P., LATINI, V., VARESI, L., MEMMI, M., ROMANO, V., DE LEO, G., GERNERELLI, M., JARUZELSKA, J., VILLEMS, R., PARIK, J., MACAULAY, V., TORRONI, A. (2001): Human Y-Chromosome Variation in the Western Mediterranean Area: Implications for the peopling of the Region. *Human Immunology*, 62, pp. 871-884.
- SEMINO, O., PASSARINO, G., OEFNER, P., LIN, A., ARBUZOVA, S., BECKMAN, L., BENEDICTIS, G., FRANCALACCI, P., KOUVATSI, A., LIMBORSKA, S., MARCIKIAE, M., MIKA, A., MIKA, B., PRIMORAC, D., SANTACHIARA-BENERECETTI, A., CAVALLI-SFORZA, L., UNDERHILL, P. (2000): The Genetic Legacy of Paleolithic *Homo Sapiens Sapiens* in Extant Europeans: A Y Chromosome Perspective. *Science*. 290, pp. 1155-1159.
- SEMINO, O., MAGRI, C., BENUZZI, G., LIN, A., AL-ZAHERY, N., BATTAGLIA, V., MACCIONI, L., TRIANTAPHYLIDIS, C., SHEN, P., OEFNER, P., ZHIVOTOVSKY, L., KING, R., TORRONI, A., CAVALLI-SFORZA, L., UNDERHILL, P., SANTACHIARA-BENERECETTI, A. (2004): Origin, Diffusion, and Differentiation of Y-Chromosome Haplogroups E and J: Inferences on the Neolithization of Europe and Later Migratory Events in the Mediterranean Area. *Am. J. Hum. Genet*. 74, pp. 1023-1034.
- SOARES, A.M., CABRAL, J.P. (1993): Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33:3-4, pp. 217-236.

- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1981): *Pré-História da área de Sines: trabalhos arqueológicos*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SIMÕES, T. (1999): *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- TALALAY, L. (2000): Archaeological Misconceptions: Power in Contemplating Gender and the Greek Neolithic. In DONALD, M., HURCOMBE, L. (eds). *Representations of Gender from Prehistory to the Present*. Londres: MacMillan Press, pp. 3-16.
- TINÉ, S. (1999): *Il Neolitico nella caverna delle Arene Candide (scavi 1972-1977)*. Bordighera: Istituto Internazionale Studi Liguri.
- VALERA, A. (1998): A Neolitização da bacia interior do Mondego. In *Actas do Colóquio «A Pré-história na Beira Interior»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 131-148 (Estudos Pré-históricos, 6).
- ZILHÃO, J. (2000): From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula. In PRICE, T. D. (ed.) *Europe First's Farmers*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 144-182.